

## As águas e suas metáforas de libertação e renovação: alguns aspectos nas obras de Mia Couto e Pepetela

Robson Lacerda Dutra

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Pesquisador da CAPES

A água sempre teve grande dimensão simbólica nas culturas, quer ocidentais ou não. Do princípio cristão contido na Bíblia da separação entre a terra e os mares àqueles presentes em diversas outras culturas, a água sempre se reduz semanticamente a três temas básicos: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência.<sup>1</sup>

Os filósofos pré-socráticos afirmavam que o universo foi gerado de uma matéria única e original a que denominaram “prima matéria”. Embora houvesse divergência sobre qual seria este elemento, Tales de Mileto afirmou que a água é a origem de todas as coisas e para onde tudo retorna, é fonte do movimento e da vida do universo, atribuindo sua origem a Deus que dividiria, assim, sua sabedoria com os homens. Simbolicamente, a água é vista como elemento constituinte de toda a forma de vida, fonte de criatividade e símbolo universal da fertilidade e fecundidade. Os alquimistas afirmavam, por sua vez, que nada pode ser transformado sem antes haver sido reduzido à sua “prima matéria” – a água.

Deste modo, podemos supor que numa sociedade como a africana, onde o simbólico é tão pródigo, a água venha a assumir importância capital. De fato, em seus “Usos e Costumes dos Bantos”<sup>2</sup>, Junod nos dá conta da tradição *Psicumbo psi nissa mpfula*, ou seja, das oferendas que se deve ofertar aos antepassados e da correção de possíveis erros para que estes façam com que a chuva de primavera venha a irrigar e fertilizar o solo.

Mia Couto narrou, quando do lançamento das *Estórias Abensonhadas* que o povo moçambicano não cria na veracidade do tratado de paz assinado em 1982. Após muitos anos de guerra, era impossível que apenas algumas assinaturas viessem a acabar com todo o sofrimento e morte causados. No entanto, apenas após a chuva que caiu sobre a terra é que este tratado se revestiu de verdadeira intensidade, posto que, para o povo, ela expressava a aprovação dos seus ancestrais.

Em *Vinte e zinco*, um de seus últimos romances, lemos que a adivinhadora Jessumina teve seu aprendizado nas águas profundas do lago Nkuluine, onde passou sete anos com o povo que habitava seu interior. Foi lá, entre as *águas que não provinham das nuvens mas dos relâmpagos*<sup>3</sup> que ela aprendeu sobre os mistérios e verdades da vida, já que quem lá vivia ganhava memória de suas outras vidas. Foi ainda lá que ela aprendeu que a água em que os abutres lavam os olhos apuram os olhos de quem as usa. É ainda em *Vinte e zinco* que lemos que os olhos de Dona Graça *não pariam lágrimas. Eram inférteis de água*<sup>4</sup> e que, por isto, ela deixava-se ficar sob as chuvas, amparada no chão, deixando que o rosto se inundasse das gotas e dos cordões de água, metaforizando assim o seu choro.

Por fim, é para o fundo do mesmo lago que Irene, a portuguesa mestiça se dirige ao fim da narrativa. Personagem de transição, branca de nascimento, mas negra de coração, Irene

migra para o lado dos negros e é para as mesmas águas em que Jessumina teve sua iniciação que ela se dirige após ter ela mesmo executado seu sobrinho, Lourenço de Castro, personificação do salazarismo em Moçambique.

Se na obra de Mia Couto as diferentes águas têm o poder de aprendizado e acuidade, é nelas que se dá também a purificação: em *A última chuva do prisioneiro*, conto do livro *Estórias Abensonhadas*<sup>5</sup> lemos do prisioneiro que, em seu adeus à vida, pede, implora que lhe dêem um pouco de chuva. Habitado por sua mãe a lavar nela seu corpo e sua alma, pede, antes que lhe executem, um pouco desta água. É nela que ele se purificará e se preparará para a passagem para o outro lado da vida, a “outra margem do rio”, onde vivem os espíritos daqueles que não fazem mais parte do reino dos vivos. Através deste banho espiritual ele se habilitará a reencontrar sua mãe e a cumprir a promessa que lhe fizera antes, de sempre regressar. É nas águas da chuva que ele terá seu coração aguado e se livrará das poeiras e sujeiras da vida e renascerá através da mesma corda que o enforcará, fazendo dela seu *cordão desumbilical*.

Em Mia Couto a água junta-se ao poético, critica e recria o real opressor e opressivo. Através do elemento cosmogônico, da oralidade, da utilização das tradições africanas estabelece cânones autênticos da africanidade oprimidos pela imposição da colonização européia e faz com que novos caminhos se abram ao leitor e ao mundo, mesmo que através do insólito, do animista e, sobretudo, do onírico. Estes elementos resgatam memórias moçambicanas e recriam, através do mito e da metapoesia, toda a potencialidade semântica dos sonhos e sua capacidade de transformação e regeneração da vida.

A obra de Pepetela mantém igual analogia com o simbolismo da água. Seu olhar nos apresenta uma Angola fragilizada tanto pelos anos do colonialismo como pelos novos valores advindos do capitalismo que destroem os mesmos sonhos e memórias que Mia Couto reestabelece em sua narrativa.

Em *O Desejo de Kianda* encontramos o vazio das utopias. O narrador nos informa que a “síndrome de Luanda”, ou seja, a perda dos sentimentos que impulsionou Angola em direção da revolução e da independência deu lugar a conflitos políticos, étnicos e morais nos quais se disputa, sobretudo, o poder. A dicotomia e incompatibilidade de idéias se expressam no casamento entre Carmina, atéia, e João evangelista, religioso, dando margem a um conflito de ideologias que, se não levam aos conflitos citados, conduzem à alienação. A narrativa, desta forma, assume contornos melancólicos, segundo a filosofia de Benjamin, que atribui ao capitalismo a destruição dos modelos socializadores e faz com que narrador e leitor sejam incomodados pela inércia e sentimento de ruína.<sup>6</sup>

Na impossibilidade de regeneração do ser humano, cabe, então, que o elemento animista, o mesmo presente da obra de Mia Couto, se manifeste. Kianda é figura mitológica e, nesta dimensão, este discurso se opõe ao histórico para restabelecer a ordem e restabelecer a noção de país e nacionalidade. Ligada às águas, Kianda pranteia a destruição de sua lagoa, o corte da árvore de sua preferência e alimenta seu canto da água que retira das construções dos prédios situados sobre sua lagoa. Aos olhos dos homens a queda dos edifícios representa a necessidade de pesquisas científica e aliança com pesquisadores e governos estrangeiros. Para a menina Cassandra e para o velho Kalumbo, ambos nos limites do que

para o africano constitui o mundo dos vivos, este canto se intensifica em força ao mesmo tempo em que sobe harmonicamente na escala musical. Seu *grand finale* acontece quando o último prédio, curiosamente aquele em que moram os personagens principais, vem ao chão, fazendo com que as águas aprisionadas desde os tempos dos primeiros colonizadores fluam e recriem seu curso, lavando metaforicamente a sujeira e a poeira trazidas abruptamente pelo capitalismo.

Se esta obra nos dá conta da intervenção do realismo dito fantástico como preenchimento do vazio causado pela falta de identidade, seu último livro, *A Montanha da água lilás* mostra que não basta apenas ter a ordem reconstituída, ainda que alterada. Não basta apenas que as águas de Kianda lavem e levem o solo. Caberá ao homem a sabedoria da reorganização e da reconstituição. Se ele não sabe conviver com o bom odor, o frescor e a capacidade de revitalização que a água lilás, oriunda do solo do morro da poesia, possui, ele deverá se limitar apenas a sabê-la e não mais senti-la plenamente.

Caberá, então, ao pensador e ao poeta manterem sempre vivo, através da oralidade, da poesia e das diversas formas de contar histórias e história, que não basta apenas ter a água, quer da chuva, dos mares ou dos rios à mão. Caberá sempre a ele desnudar-se e pular, sem medos, anseios ou restrições em sua imensidão e frescor.

#### **Bibliografia:**

- CHEVALIER, JEAN e GHEERBRANT, ALAIN. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editores, 1989.  
COUTO, MIA. *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Caminho, 1997.  
COUTO, MIA. *Vinte e zinco*. Lisboa: Caminho, 1999.  
JUNOD, HENRIQUE. *Usos e costumes dos Bantos*. II Vols. Moçambique: Imprensa Nacional de Moçambique, 1979.  
KONDER, LEANDRO. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.  
PEPETELA. *A Montanha da água lilás*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.  
PEPETELA. *O Desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

#### **Notas Bibliográficas:**

<sup>1</sup> CHEVALIER e GHEERBRANT, (1989) pág. 15

<sup>2</sup> JUNOD, (1979), pág. 280.

<sup>3</sup> COUTO, (1999), pág. 65.

<sup>4</sup> Idem, pág. 48.

<sup>5</sup> COUTO, (1997), pág. 27

<sup>6</sup> BENJAMIN, (1990), pág. 27.

